

DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS ESTUDANTES INDÍGENAS DA ETNIA KAINGANG NO ENSINO SUPERIOR

Arce Konh Ko Mathias¹
Romildo Nen si Tomais²
Joilce da Silva³
Ana Cristina Hammel⁴
Zacarias Alves⁵

INTRODUÇÃO

O acesso de estudantes indígenas ao ensino superior é um avanço muito importante em nosso país, contribuindo para o processo de inclusão e valorização cultural de povos minoritários antes esquecidos. No entanto, vale ressaltar que esses estudantes enfrentam muitos obstáculos durante a caminhada universitária, que vão desde questões culturais internas, bem como linguagem, hábitos, costumes, à diferentes formas de preconceito vivenciada por estudantes indígenas de todo o território nacional.

Neste trabalho busca-se analisar as principais dificuldades enfrentadas por estudantes da etnia Kaingang da aldeia de Rio das Cobras no município de Nova Laranjeiras estado do Paraná, durante a trajetória acadêmica dos docentes que fazem parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no escopo da preparação profissional de futuros professores.

1 METODOLOGIA

Para os estudantes indígenas entrarem na universidade, significa um desafio muito grande, isso pela falta de suporte familiar, já que na maioria das vezes não há nenhum familiar com experiência acadêmica, e pela dificuldade de acompanhar prazos para a realização de vestibulares, provas etc., por não possuírem acesso à internet de boa qualidade. Muitos alunos ainda no ensino médio preparam-se para prestar o Enem, mas ficam impedidos de realizar o mesmo, pela falta de internet em

1 Acadêmico do Curso em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas, 4ªFase/2025. UFFS – Campus Laranjeiras do Sul/PR. Email: arcekmathias2004@gmail.com

2 Acadêmico do Curso em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas, 4ªFase/2025. UFFS – Campus Laranjeiras do Sul/PR. Email: tomaisromil@gmail.com

3 Supervisora do PIBID, professora da escola. Email:joilce.silva@escola.pr.gov.br

4 Coordenadora de área. Professora do Curso em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas UFFS – Campus Laranjeiras do Sul/PR. Email:ana.hammel@uffs.edu.br

5 Professor da Escola. Email: zacabonfim@gmail.com.

casa, principalmente quando ocorrem mudanças de datas, tendo em vista que o serviço ofertado de internet dentro dos territórios indígenas é muito precário. O principal sinal em muitos casos chega por um recurso primário, o sinal via rádio.

Outro fator que pesa para o acompanhamento de prazos, diz respeito a frequente falta de energia elétrica enfrentado pela comunidade, a já visto que, toda a rede de conexão elétrica percorre grandes extensões de mata densa. Em períodos de chuvas e ventos fortes é comum a queda de árvores sobre a fiação elétrica, o que impede que muitos estudantes acompanhem processos online. Muitas aulas são suspensas em decorrência da falta de energia elétrica ocorrida nas escolas, principalmente em horário noturno, afetando o aproveitamento dos estudantes com relação a muitos conteúdos.

Estes são alguns dos desafios enfrentados pelos estudantes indígenas em sua jornada estudantil, e que vão se somar a outros, como descreve Santos e Silva, a grande falta de reconhecimento por suas tradições, línguas e formas de conhecimento e que conseqüentemente vão gerar sentimentos de exclusão e desmotivação (Santos e Silva). Além do mais, a língua tradicional Kaingang torna-se no âmbito acadêmico outro obstáculo, por não ser compreendida pelos demais docentes, afetando a interação e desenvolvimento nas disciplinas tratadas na universidade (Lima, 2020).

Outro ponto importante é a falta de respaldo institucional voltado especificamente para estudantes indígenas. A falta de uma assistência que adapte materiais didáticos à realidade dos mesmos contribui para fortalecer o sentimento de isolamento, tornando-se cada vez mais difícil o processo de adaptação dos mesmos (Martins, 2019). Ausentar-se de suas famílias e adaptar-se à realidade urbana também pesa como obstáculo emocional, como a saudade de seus familiares, a inexistência de representatividade acadêmica, dificulta a proximidade com os quais poderiam ser tratados questões pessoais, profissionais e de preconceito, recorrente com indígenas. (Costa e Oliveira, 2021).

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

O acesso e a permanência de estudantes indígenas no ensino superior são desafios marcados por questões históricas, culturais, sociais e estruturais. Para compreender as dificuldades enfrentadas pelos estudantes Kaingang, é necessário

percorrer a um referencial teórico que dialogue com os campos da educação intercultural, direitos indígenas e políticas educacionais inclusivas.

Para Candau (2008), a interculturalidade deve ser pensada como um projeto pedagógico que valorize acima de tudo, a diversidade cultural, valorizando sempre o diálogo entre saberes, de modo que, a formação de novos docentes leve em consideração suas identidades culturais e linguísticas, a fim de promover uma educação fundamentada em princípios que garanta aos estudantes indígenas, equidade e respeito às diferenças.

Segundo Baniwa (2019) apontado como um dos principais pensadores indígenas na atualidade, pontua que, ao permitir o acesso de estudantes indígenas na universidade, deve esta refletir sobre sua estrutura e também sobre o currículo, de modo que, possibilite um espaço que seja favorável ao protagonismo indígena, levando em consideração os saberes tradicionais. Para isso, deve-se buscar uma alternativa ao paradigma euro centrista prevalente nas instituições de ensino superior em nosso país, como destaca Walsh (2009) e Gomes (2017), ao discutirem a necessidade de uma descolonização do conhecimento.

Para os estudantes indígenas da etnia Kaingang de Rio das Cobras ingressar na universidade, é aceitar o desafio de enfrentar barreiras linguísticas, falta de políticas que tratem de sua permanência, distanciamento cultural, dificuldades socioeconômicas e muito preconceito. De acordo com Oliveira (2015), na maioria das vezes esses estudantes veem-se num processo de “dupla tradução”, isto é, necessitam adaptar-se à realidade das universidades e lutar pela preservação dos valores e costumes de suas comunidades de origem.

Alguns avanços podem ser percebidos como o Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Indígenas (Prolind) e da Lei de Cotas para indígenas (Lei nº12.711/2012). Mas segundo Cunha (2013), existem muitas falhas na realização de ações que possam garantir efetividade, permanência e sucesso na caminhada acadêmica desses estudantes. A ausência de materiais didáticos bilíngues, a falta de um suporte psicopedagógico e a necessidade de espaços de diálogo intercultural nas universidades representam obstáculos significativos.

Sendo assim, é necessário pensar em uma formação superior que leve em consideração a realidade dos estudantes indígenas, como ressalta Reinaldo (2020) e Brandão (2021), para eles é fundamental que aja uma pedagogia comprometida

com a justiça social, o reconhecimento das identidades e o fortalecimento dos saberes tradicionais dos povos indígenas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com foco central no relato da

As dificuldades são abundantes, tanto quanto de entender certas questões, palavras e matérias, perante o ensino e a aprendizagem nas universidades, não só isso, as dificuldades dos estudantes indígenas vem na falta de transportes para frequentar as aulas, e com a alimentação diversas vezes, como o “café da manhã” na Universidade Federal da Fronteira Sul. Com isso se vem na cabeça do estudante dificuldades, como “Se eu paro por aqui” ou “Eu continuo, eu consigo” a mente do estudante fica conturbada, em um certo período. A mente do estudante com o passar dos tempos frequentando a universidade vai criando ligamentos, e gerando os conhecimentos e dando uma visão ampla da sua realidade dentro da universidade, e reconhecendo mais sobre as dificuldades que ele passo durante o processo desde o início. Com a relação do preconceito afeta o estudante indígena, mexendo com o pensamento psicológico, e de vez em quando tomando conta do estudante fazendo o desistir dos estudos, mas o estudante indígena quase sempre anda com seus pensamentos positivos, focado nos seus objetivos como estudar, porque se a crítica te domina, você perde a visão da sua realidade e não conseguindo alcançar o seu objetivo. Para o estudante indígena Kaingang não existe a palavra impossível se na mente há um certo objetivo para alcançar. *Hoje em dia o papel e a caneta substituíram o arco e flecha na mão do estudante indígena dentro da Universidades.*

A análise dos dados obtidos por meio de entrevistas e observações com estudantes Kaingang no ensino superior mostrou uma série de desafios que afetam tanto permanência deles quanto o seu desempenho acadêmico. Esses desafios estão ligados a questões sociais, culturais, pedagógicas e estruturais, que se conectam com as bases teóricas utilizadas nesta pesquisa.

Um dos principais desafios identificados é o choque cultural que os estudantes enfrentam ao entrar na universidade. Muitos deles relataram sentir um certo estranhamento em um ambiente que possui práticas, valores e linguagens distantes da realidade vivenciada em suas comunidades. Essa diferença cultural dificulta a participação plena e o sentimento de pertencimento dentro da instituição

de ensino. Essa observação reforça as ideias de Candau (2008) sobre a falta de uma verdadeira aproximação intercultural nas práticas de ensino universitárias.

A barreira da língua foi uma dificuldade importante. Embora muitos estudantes Kaingang falem o português, a linguagem acadêmica e seus códigos específicos costumam dificultar a compreensão de textos, atividades e avaliações. Esse ponto se relaciona com o que Baniwa (2019), menciona, ressaltando a importância de valorizar e incluir as línguas indígenas nos ambientes educacionais formais.

Outro ponto destacado foi a falta de políticas para permanência de acadêmicos, mencionando a insuficiência bolsas, moradia estudantil adequada, apoio psicopedagógico e alimentação como fatores que dificultam a continuidade dos estudos. Em alguns casos, essas condições levam ao abandono do curso, especialmente quando não há suporte familiar ou comunitário. Esta realidade reafirma a crítica de Cunha (2013), sobre a escassez de políticas públicas voltadas aos estudantes indígenas, sobretudo no que diz respeito à permanência.

As situações de preconceito e discriminação se mostraram bastante comuns. Muitos estudantes se sentem invisíveis na universidade, enfrentando julgamentos precipitados e a desvalorização de seus conhecimentos tradicionais. Essa exclusão provoca sofrimento psicológico, desmotivação e sensação de isolamento, como já foi discutido por Gomes (2017) ao abordar as experiências de exclusão cultural de estudantes indígenas no ambiente acadêmico.

Além disso, notou-se que os professores não tem uma formação específica para lidar com a diversidade étnico-cultural. Essa falta de preparo prejudica a criação de uma pedagogia que respeite as particularidades indígenas, tornando o ensino menos acessível e significativo. Essa situação reforça a necessidade urgente de formação continuada baseada na interculturalidade crítica, como defendido por Walsh (2009).

Os resultados mostram claramente que é urgente que as instituições de ensino superior repensem suas práticas e políticas para garantir o acesso, a permanência e o sucesso dos estudantes indígenas, respeitando suas identidades culturais, promovendo o diálogo entre saberes e implementando ações afirmativas que sejam efetivas e permanentes.

CONCLUSÃO

O estudo abordou as dificuldades enfrentadas pelos estudantes indígenas da etnia Kaingang no ensino superior, que refletem os desafios da inclusão desses povos no sistema educacional brasileiro. As barreiras vão além do acesso, englobando choque cultural, linguagem acadêmica, ausência de políticas de permanência, preconceito institucional e desvalorização dos saberes indígenas. Apesar do avanço representado pelo ingresso desses estudantes, é necessário fortalecer ações que respeitem a diversidade cultural e promovam práticas pedagógicas interculturais, incluindo formação adequada de docentes e suporte psicossocial, financeiro e acadêmico.

Assim, garantir o direito à educação superior para os Kaingang requer um esforço conjunto entre universidades, poder público e comunidade, visando um ambiente educacional que reconheça suas identidades e contribuições, promovendo uma educação democrática e transformadora.

REFERÊNCIAS

- CANDAU, Vera Maria. Educação Intercultural. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política nacional de educação escolar indígena. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 nov. 2010.
- COSTA, M. L. da. Educação superior e povos indígenas no Brasil: desafios e possibilidades. Revista Educação & Sociedade, Campinas, v. 31, n. 112, p. 979-996, 2010.
- FERREIRA, M. A. da S. Educação intercultural: um olhar sobre a formação de professores para o trabalho com alunos indígenas. Revista Brasileira de Educação, v. 19, n. 56, p. 37-52, 2014.
- GRUPIONI, L. D. B. A educação escolar indígena no Brasil: uma história de lutas e conquistas. Brasília: MEC/SECAD, 2006.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LIMA, A. V. C.; AZEVEDO, J. S. Educação escolar indígena e os desafios da permanência no ensino superior. Revista Interdisciplinar de Estudos em Educação, v. 7, n. 17, p. 186-204, 2022.
- SOUZA, A. L. de. Povos indígenas no ensino superior: políticas de acesso e permanência. Curitiba: Appris, 2021.